

O CASEBRE NA MATA DE BREJO



UM CONTO DE NATAL



DARK

NILSEN AZEVEDO

VOLUME

4

**"ÀS VEZES O ENTENDIMENTO
CUSTA A CHEGAR".**



DARKSIDE



UM CONTO DE NATAL
DARK



FOR
NILSEN AZEVEDO



O CASEBRE NA MATA DE BREJO

NILSEN AZEVEDO

Sentada em um dos assentos duros do vagão, acompanhada por uma dúzia de gatos pingados que viajavam do litoral para o interior, Rosalina apoiou a testa na janela e tentou enxergar além das árvores mais próximas, mas não havia nada além do véu esbranquiçado que lambia as vidraças. A névoa parecia corroer o trem.

“Isso sempre acontece nesta altura da viagem”, a mulher do assento ao lado cochichou para a amiga, ajeitando a gola da blusa com altivez. “É a umidade da mata. Logo passa.”

Rosalina suspirou, aborrecida com a dor de cabeça, o sacolejo interminável e o falatório dos outros passageiros. Não estava acostumada a fazer viagens longas, mas era véspera de Natal, e todo ano, naquele dia, ela visitava a avó, que morava em um casebre escondido na mata de brejo.

Conhecera vó Irene tardiamente, seis anos atrás. Quando a mãe morreu, Rosalina decidiu ir atrás da velha de quem tanto ouvira falar. A mãe dizia que a avó era arredia como o vento e bruta como a chuva, que morava naquele fim de mundo porque ninguém aguentava ficar perto dela, que os animais sempre morriam ao seu redor porque ela sugava o que havia de bom neles.

Na primeira visita de Rosalina, vó Irene bateu a porta na cara dela.

“Ainda não”, foi o que disse. A velha tinha um queixo comprido e verrugas nas bochechas chupadas, e era cega de um dos olhos. Mas o que mais chamou a atenção de Rosalina não foi a aparência da avó; foi aquele casebre, grosseiro e encardido, construído no brejo fechado em uma área milagrosamente seca e firme. O que era impenetrável para os outros, vó Irene tinha transformado em lar. Rosalina percebeu que, para ter a mesma sorte, precisaria agir da mesma forma. Para que a avó a deixasse se aproximar, ela teria que fazer por onde.

E Rosalina tentou, de novo e de novo. Passou o segundo Natal e o terceiro ao relento, cercada pelas ossadas de animais silvestres que guarneciam o casebre e pelas sombras da mata que ganhavam vida quando o céu escurecia. Rosalina temeu o vento lamentoso e a imensidão do céu, tremeu e chorou, mas a avó não se abalou. Somente no quarto Natal, a velha deixou a neta entrar.

Por dentro, a casa era fria e bagunçada. Havia objetos estranhos espalhados por lugares improváveis: um pilão no quartinho apertado, frascos de vidro com pés de galinha no banheiro. Rosalina dissimulou sua estranheza e aceitou uma fatia seca de pão. Mas sentiu a curiosidade ressurgir quando, em um descuido, notou uma porta de tamanho reduzido, mesmo para a estatura da avó, escondida nos fundos do casebre. Estava prestes a perguntar sobre ela quando foi convidada a se retirar.

Foi só no quinto Natal que a relação, como dizem, se azeitou. A costureira entrou, comeu o pão seco e agradeceu pela comida ofertada. Depois dormiu no sofá — ou tentou.

Vó Irene passou a noite toda sussurrando, andando pela casa de um cômodo ao outro, às vezes errando a curva por causa do olho ruim e esbarrando nas paredes. Em dado momento, Rosalina pensou ter

ouvido algo diferente dos passos da avó. Tilintares de taças, outros passos, sons que não se pareciam com nada que ela pudesse imaginar naquela terra.

Quando o sol perpassou as folhas da mata na manhã seguinte, a avó a cutucou no ombro e falou:

“Pode ir embora. E pode vir ano que vem.”

Rosalina não perguntou a ela o que estava murmurando na noite anterior. Tampouco quis saber de onde vinham os sons improváveis. Ela apenas concordou e foi embora, sonolenta, jurando nunca mais voltar. Mas ali estava Rosalina outra vez, no mesmo trem embebido pela névoa, pensando em chegar ao casebre, sem nem entender o porquê.

Como proferido pela outra mulher, a névoa logo começou a se dissipar, e a luz da tarde voltou a encontrar abrigo no trem. Junto a ela, um vento gelado se infiltrou pelas frestas das janelas. Rosalina tirou da valise um xale roxo que tinha feito nas horas livres do ateliê onde trabalhava e o colocou sobre os ombros. O trem desacelerou alguns quilômetros depois, e ela, a última passageira a bordo do último trem do dia, desceu na estação do brejo.

Mais uma vez, Rosalina deixou que as galochas vermelhas a guiassem até o casebre isolado. Adentrou a mata, tentando repetir o caminho atravancado por árvores retorcidas de raízes expostas que já fizera cinco vezes. Mais uma vez foi mordida por mosquitos, pisou em poças e sentiu os pés atolarem em diferentes trechos de lamaçal. E mais de uma vez se questionou por que passava por aquilo ano após ano, para visitar alguém que não se importava nada com ela. A mãe estava certa; vó Irene era mesmo arredia como o vento e bruta como a chuva. Mais uma vez também, Rosalina seguiu em frente, enrolando-se no xale e tensionando o maxilar para atenuar o incômodo da cabeça latejante.

Avistou o casebre no tom sépia do entardecer. Na entrada, havia uma vela acesa, esperando o breu que a noite logo traria. A costureira Rosalina, de mãos ásperas e marcadas pelas agulhas, enfim tirou suas galochas. Antes de empurrar a porta, ouviu as vozes de dentro da casa. Risos e gargalhadas e calidez.

Vó Irene estava sentada no sofá, os cabelos prateados se derramando nas costas, rodeada de silhuetas sombrias. Rosalina apertou os olhos a fim de clarear a visão, mas os contornos não sumiram ou mudaram de forma. O que ela via podia ser definido como pessoas que haviam existido e cujas sombras ainda estavam ali, ecoando, ecoando, ecoando. Um dos vultos se distanciou da velha e chegou mais perto de Rosalina. Enquanto a costureira se descobria imobilizada pelo medo, a sombra a observava atentamente. Ela não viu seus olhos, não viu textura no rosto translúcido. Mas viu a massa obscura que se movimentava como uma pessoa. Vó Irene se levantou com um grunhido, chegou bem perto da silhueta e deu um tapinha em seu ombro.

“Não dê bola para ela. Rosalina está sempre fazendo mil perguntas.”

“Mas eu não perguntei nada, vó”, a costureira disse em sua defesa, com a voz vacilando um pouco.

“Só porque você não diz em voz alta não significa que as perguntas não existam”, retrucou a velha.

Encorajada pela avó, Rosalina aceitou uma taça de vinho e, na companhia das sombras, começou a circular pelo casebre. Tudo cheirava a mofo. E todos conversavam, gerando um burburinho estranho; eram aqueles mesmos risos e gargalhadas, a mesma calidez. Era como se tivesse voltado à madrugada do ano anterior, ou como se nunca a tivesse deixado. Sentiu-se afundando em um oceano enquanto tentava ouvir o que se passava na superfície. As palavras se misturavam. Perdiam o sentido.

O casebre costumava parecer um cadáver cercado por outras carcaças, mas exalava tanta vida naquela noite que Rosalina se convenceu a fazer parte dele. A costureira fechou os olhos, abriu o peito e continuou a caminhar. Por alguns instantes, esqueceu a dor de cabeça que sentia, os questionamentos sobre a viagem, o fato de estar cercada por pessoas que já não habitavam mais o seu mundo. No casebre da mata de brejo, não havia mais um mundo conhecido, mas havia algo novo, algo do qual ela se sentia parte.

Em um piscar de olhos, Rosalina viu vó Irene parada bem à sua frente.

“Você está fazendo perguntas para si mesma há anos. Não quer mesmo saber a resposta?”

Rosalina olhou para as paredes daquele casebre em terra firme, para as silhuetas, para tudo que não conseguia compreender completamente. Mas ela entendia as repetidas pontadas no meio de sua testa. O que Rosalina escolheu perguntar em voz alta saiu cabisbaixo e sem jeito:

“A senhora tem remédio para dor de cabeça?”

Vó Irene dispensou uma risada rouca, como se não acreditasse no que tinha acabado de ouvir. Calada, a velha se aproximou e arrancou o alfinete fincado na testa da neta.

“Às vezes o entendimento custa a chegar”, disse ela, engolindo o alfinete. “Sua mãe entendeu na hora. Você levou seis anos.”

Rosalina piscou e um lampejo descortinou a verdade. Como a névoa que carcomia o trem se dissolvendo de repente, em resposta ao seu desejo de ver as árvores que corriam lá fora. A costureira revisitou o acidente da mãe, agora desafrouxado da memória. Rosalina estivera na mesma tragédia, e também não sobrevivera. Reviu o carro esmigalhado na beira da estrada, a cabeça indo de encontro ao vidro. Doía, doía, doía.

“Dentro da minha casa só ficam os que estão prontos para aceitar a morte, mas que precisam de mais tempo para seguir em frente”, explicou a avó. “É a antessala, sabe? Você pode ficar, se quiser. Ou pode abrir a porta dos fundos e ver o que encontra.”

Vó Irene apontou para a portinha. Era cinzenta como um céu de chumbo e triangular na parte superior. Parecia feita sob medida para uma criança. Rosalina olhou para as próprias mãos. As marcas de costureira tinham sumido das pontas dos dedos. Eles estavam mais transparentes, virando sombra.

Rosalina encarou a avó e pensou ter visto um quê de compaixão em seus olhos, como alguém que vê um passarinho caído no chão e decide ajudá-lo a voltar para o ninho. Mas, se a compaixão existiu, ela rapidamente foi embrutecida pelo papel de mediadora que Vó Irene exercia.

“E então?”, insistiu a velha.

Rosalina tocou a própria testa e já não sentiu o nó que pulsava ali dentro. A mãe tinha morrido, e ela também. Aquela era a verdade absoluta. Todo o resto — as noites solitárias na pensão, as pilhas de bainhas por fazer, os olhares furtivos trocados com moças e rapazes no bondinho — eram conjurações de uma mente criativa e apegada.

“Posso ficar aqui só mais um pouquinho?”, sussurrou ela.

Vó Irene assentiu devagar.

“Beba mais vinho e aproveite a festa. Feliz Natal, minha neta.” A velha encheu a taça, deu um tapinha em suas costas, mas não ficou por perto. Havia outras almas perdidas para conduzir e atender. Uma infinidade de almas.

Talvez a mãe de Rosalina não estivesse totalmente certa sobre a avó. Aquela segunda verdade lhe parecia tão reconfortante quanto o xale roxo que ela usava quando precisava de abrigo. Talvez morar naquele fim de mundo fosse agradável. Talvez os animais que repousavam eternamente ao redor do casebre também precisassem de consolo.

Rosalina sorriu para o vinho. De soslaio, viu a avó conduzindo dois vultos até a portinha cinzenta. Ela, entretanto, não conseguiu se imaginar encarando o mundo desconhecido que havia atrás da madeira. Ao contemplar o casebre tão familiar, sentia uma rudeza açúcarada emanando da velha. *Ainda não*, as palavras de só Irene naquele primeiro Natal ecoaram em sua mente. *Ainda não*, ela olhou para a portinha. *Só mais um pouco*.

NILSEN AZEVEDO é editora e tradutora. É formada em Jornalismo e desde 2018 edita livros escritos por mulheres, ajudando a dar visibilidade a novas vozes femininas na literatura. Como tradutora, cuidou de livros como *Gótico Mexicano*, *Rastro de Sangue: O Grande Houdini* e *Ela e o Monstro*, todos publicados pela **DarkSide® Books**. Nasceu em Santos e atualmente reside em São Paulo com sua cachorra, que se chama Lizzie em homenagem à protagonista de *Orgulho e Preconceito*. Seu primeiro livro será publicado pela DarkSide® Books.

UM CONTO DE NATAL
DARK



DARKSIDEBOOKS.COM